

Este texto é uma contribuição ao debate colocado pelo DA sobre a retirada de um trailer de sanduíches do Campus, sob a alegação de bloqueio da visada de um edifício projetado por Éolo Maia.

Sobre edifícios e trailers¹

É de 1983 o desenho de Lina Bo Bardi – *visão do possível futuro do SESC Pompéia*. Nessa simulação, a arquiteta permitiu-se explorar sem meios termos a revanche da cidade sobre seu próprio projeto: o “soco no estômago”² aparece emparedado, intimidado pela maior eloqüência do anonimato em larga escala.

O ensaio dessa autodestruição não é, como pode parecer, apenas um exercício sarcástico. Pouco mostrado ou discutido, ele cumpre ainda hoje, e *cada vez mais hoje*, um papel importante na discussão da prática arquitetônica em nossas cidades. Isso porque a realização do desenho pressupõe um questionamento inicial que freqüentemente evitamos, seja na prática ou no ensino de projetos. Quem costuma pensar em seus edifícios como estruturas realmente imersas na dinâmica urbana? Quem não evita concebê-los em utópicas ilhas de exceção?



A própria representação da arquitetura denuncia, via de regra, uma eterna expectativa de contemplação de edifícios como objetos intocáveis. Desde as fachadas até as perspectivas digitalizadas, mostramos com especial cuidado e com cada vez mais detalhes tudo o que é imune à lógica urbana: visadas, ritmos, sombras, proporções, coroamentos, todos congelados em edifícios e entornos inertes. Enfim, uma arquitetura pensada sempre a partir de um lugar seguro, mas fictício frente ao disforme e mutante cenário urbano.

Enxergar a cidade sem fingir que vê outra coisa pode ser um exercício doloroso, mas necessário. Não se trata de desenvolver a partir daí uma imensa capacidade de resignação frente ao inevitável. Trata-se, ao contrário, de buscar mudanças, outros procedimentos e estratégias que nos retirem da posição de quem se sente ameaçado. Lina parecia entender isso perfeitamente, não tinha nada a perder com o emparedamento de seu prédio. Existia, e existe ali, muito mais do que contemplação: corredores vertiginosos suspensos no ar, futebol e basquete em vez de escritórios e salas, elevadores repletos de gente suada, uma descompostura generalizada no jeito de usar as coisas e os espaços. Descompostura que nasce inclusive de uma reflexão sobre a natureza de nossas cidades – uma desordem povoada por conflitos, manifestações refinadas e grosseiras sobrepostas em uma paisagem que já não aceita a ilusão romântica de um flâneur inebriado.

Para aqueles que lamentam ou temem a cidade, um exercício produtivo: representar seu próximo projeto em suas sucessivas mudanças. Primeiro mês: pichações. Sexto mês: outdoors na fachada e cercas elétricas. Segundo ano: primeiros puxados. Em seguida: verticalização do entorno ou desrespeito dos vizinhos às leis de afastamento, troca de materiais de acabamento, eventualmente novas janelas e portas, fim das visadas, fim da vista panorâmica. Ao final, uma pergunta: o que permanece daquilo que você tinha?

A resposta pode parecer difícil, e é. Mas isso não nos impede de perceber a pertinência da pergunta. A escola deve ser um laboratório, um campo de debates que irá norteiar nossa prática. Retirar o que incomoda no campus é o mesmo que retirar da discussão o impasse que não conseguimos enfrentar como profissionais na cidade. Mas não adianta: vamos limpar tudo, voltar a contemplar sem obstáculos o ideal de uma arquitetura intocada, e então, buscar respostas para nossa prática aonde elas já não se encontram!

¹ Este texto é uma contribuição ao debate colocado pelo DA sobre a retirada de um trailer de sanduíches do Campus, sob a alegação de bloqueio da visada de um edifício projetado por Éolo Maia.

² Lina descrevia assim a provável relação entre o SESC e aqueles que gostam de prédios bem acabados e refinados, com *volumetrias bem resolvidas e belas proporções*.

Ilustração: LATORRACA, G. (ed). *Cidadela da Liberdade*. São Paulo: Instituto Lina Bo e P.M. Bardi, 1999, p.59.